

A IDENTIDADE HUMANA: MODOS DE REALIZAÇÃO

*Antônio Alves de Melo**

BUZZI, Arcângelo R. *A identidade humana: modos de realização*. Petrópolis, Vozes, 2002, 1 vol., 215 p.

O primeiro passo na leitura deste livro deve ser uma atenta olhada na capa, uma reprodução do quadro *Noite estrelada*, de Vincent van Gogh. Um negro cipreste encontra-se envolvido por uma paisagem ensolarada, desejoso de luz, daquela luz que rebrilha na paisagem. Assim somos nós, seres humanos, ansiosos por descobrir, fazer desabrochar e realizar a identidade humana na múltipla riqueza de suas dimensões.

Estranhamente, o livro contém um preâmbulo e um prefácio. Por quê? O preâmbulo situa o ser humano no âmbito do ser comum a tudo o que é. Esse comum-pertencer é uma experiência que emerge na profundidade do ser humano e antecede qualquer experiência categorial. O prefácio introduz o tema da identidade humana em seu modo de existir disposto pela sensibilidade, o sentimento e o desejo. Municiada de conhecimentos práticos, a identidade humana constrói o mundo de sua existência. Nele se esconde uma outra realidade que se dá nos entes finitos e para a qual podem os humanos orientar sua existência. “*Mundo é também e sobretudo sinal de referência a uma morada passageira, caminho sem volta, espaço de pura espera, ponte para a última margem*” (p. 9-10). Estabelecida a relação ser comum/identidade humana/mundo, o autor passa aos 33 modos de realização da identidade humana.

A vida humana destina-se à morte, vê-se constantemente ameaçada pela não-existência e, com isto, põe-se em busca do fundo originário que lhe dá sustentação. Este seria o primeiro modo, denominado “memória de seu puro nada”. O segundo modo é o desejo de conhecer, com suas duas vertentes, a sensação e a razão, e suas duas formas de realização, o saber útil e o saber essencial, o saber da sensação e o saber conceitual. Postos esses dois modos vivenciados por todo ser humano, seguem os demais. Embora não integrem aquelas experiências primeiras, inerentes à própria condição humana, eles pos-

* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana (Roma); prof. de Teologia no Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI – Nova Iguaçu, RJ.

suem importância decisiva para os povos, pessoas e culturas marcadas pela civilização ocidental. Nesta, o desejo de conhecer se concretiza na filosofia dos helenos, dos modernos, dos pós-modernos e na teologia medieval. Metafísica, mística, teologia sistemática, passagem da contemplação à ação sobre a natureza, emergência das ciências positivas, fenomenologia são etapas no desejo de conhecer. Ao concluir o que vinha dizendo sobre a fenomenologia, o autor faz uma afirmação significativa para o contexto presente tão fortemente influenciado pelas ciências positivas: “Aprender a verdade do inesperado: o essencial da realidade em contínua e renovada doação nas diferentes situações da existência humana é a hermenêutica ou o método da fenomenologia, expresso na célebre frase: em direção às coisas em si mesmas: *Zu den Sachen selbst*. A convicção desse caminho está na evidência que antes do saber das ciências positivas *há a coisa*. *Há!* designa o movimento de vir-a-ser da realidade, a dinâmica do dar-se de si, cuja presença entusiasma a identidade humana e a move a caminhar em sua direção, que, por estar próxima, é preciso mais parar que andar, mais sofrer que agir, para entrar na tenda de seu nascido acontecer.” (p. 53-54).

Além desses, existem ainda outros tantos modos de realização. Eles abrangem o ser e o agir em suas diversas esferas, da pessoa a partir de suas vivências mais íntimas até as estruturas mais amplas, dentro das quais subsiste o ser humano: corpo, sensibilidade, linguagem, pensamento, vontade, verdade, liberdade, ciências, espaço e tempo, natureza, história e tradição, Estado, política e economia, invenção e futuro. O autor reflete sobre temas tão diversos sem se perder na dispersão e cair na superficialidade. Pelo contrário, os articula através de algumas preocupações em que se destacam o olhar crítico sobre o mundo moderno e a insistência na necessidade da abertura à transcendência, abertura que acontece não na fuga, mas no *ser-com*, *ser-em*, *ser dentro* do mundo.

Na conclusão, o autor recorda um dado capital: a necessidade do entrelaçamento entre a carne visível e o espírito invisível na realização da identidade humana deixando, porém, em aberto a possibilidade dessa realização no mundo da produção e do consumo de mercadorias freqüentemente vistosas e desnecessárias. Não ficou claro para onde aponta o presente ocaso da identidade humana: para a esperança de um porvir ou a melancolia do fim. De qualquer modo, estamos frente a uma meditação filosófica que merece ser conhecida e levada adiante, um livro a ser lido com atenção.